

onde
termina
uma
forma?



Qual o formato da **forma**?



Marcello Nitsche, *Bolha amarela*, 1967-1968. Náilon, exaustor industrial e chapa galvanizada. 10 × 25 × 25 m aprox.

É fácil pensarmos na forma de uma cadeira, de uma mesa ou até mesmo de uma árvore – mesmo que cada cadeira, mesa ou árvore seja muito diferente de outras. A forma das coisas está intimamente ligada ao conceito que temos delas. De certo modo, a forma é o limite de um objeto com o mundo. Você é capaz de imaginar a forma da água, do ar ou do fogo? São elementos em constante movimento e transformação, que adquirem o formato daquilo que os conforma.

É possível perceber o formato da água dentro de um copo ou a forma do ar dentro de um balão. Mesmo o fogo ganha contornos mais definidos quando sai da boca do fogão: suas chamas compõem um círculo. No entanto, é impossível imaginar a forma desses elementos sem nada que os limite ou que possibilite observar seus contornos. Você consegue imaginar outros modos de dar forma a esses elementos? De tornar informe o disforme, formatar o desconforme, transformá-los em informação?

Identificar a forma de objetos já é uma interpretação sobre eles, é uma forma de organizar e compreender o mundo. Sempre que os imaginamos, conferimos uma forma a eles. Mesmo que suas imagens pareçam disformes. O mesmo acontece quando os desenhamos. Na cabeça e no papel, tudo ganha forma e cor.

Agora, pense nas formas que não percebemos, mas que estão por todos os lados, como as que constituem o interior da geladeira, do armário, de um copo, de uma panela. Muitas vezes, os objetos feitos pelos humanos possuem formas mais geométricas, mais próximas da simplificação abstrata que fazemos ao identificar os objetos. Imagine o interior de sua casa, sem nenhum móvel. Como é sua forma? →

conforma deforma
forma formal formatação
formato formidável
formoso informa
reforma transforma

→ Na série Espaços virtuais: Cantos, Cildo Meireles parte das formas virtuais que conformam nossos espaços para dar visibilidade a elas. Esses fragmentos de ambientes reproduzem, em desenho ou tridimensionalmente, o lado interno de uma esquina ou o pequeno espaço formado pelo encontro de duas paredes e o chão. A série baseia-se nos princípios euclidianos do espaço, que utiliza três planos para definir uma figura no espaço: o plano vertical, o de perfil e o horizontal. Trata-se de chamar a atenção não só para as formas que não percebemos, mas para as convenções que determinam nosso modo de representar e olhar para o mundo. Até que ponto nosso olhar é construído culturalmente? Outras convenções determinariam outras formas? ■

Cildo Meireles, *Espaços virtuais: Cantos*,
c. 1967. Acrílica sobre tela (lona), madeira.
300,5 × 100 × 100 cm.



Existe alguma coisa
sem forma?

Você já reparou no ambiente a seu redor? E na vista de uma janela? Quadrados, triângulos, círculos, retângulos, losangos, trapézios, cubos, pirâmides, paralelepípedos, cones, cilindros, esferas. Podemos identificar no mundo diversas formas geométricas, seja na natureza, seja nos elementos criados pelo homem.

Como não reparar nos retângulos que conformam nossos quadros, nossos livros, nossas portas, nossas janelas? Nos cilindros que compõem os copos, o porta-lápis, a lata de lixo? Nas esferas dos lustres, da lua, do sol, da maçã? Nos paralelepípedos que constituem a geladeira, o fogão, os edifícios, a máquina de lavar? Ainda que essas formas não se apresentem de maneira exata, são elas que informam nossa maneira de olhar o mundo. É a partir das formas que conhecemos e de nosso repertório que vemos.

Não é para menos que, em 1904, o pintor francês **Paul Cézanne** (1839-1906) afirmava ser preciso “tratar a natureza conforme o cilindro, a esfera, o cone”. Para o artista, era importante ter em mente tais formas sólidas básicas ao pintar suas telas, isto é, ao observar e representar o mundo.

Como lembra o historiador Giulio Carlo Argan (1909-1992), “as formas geométricas, expressivas do espaço, são instrumentos mentais com que se efetua a experiência do real”. Em outras palavras, elas não conformam o espaço propriamente dito, mas funcionam como ferramentas por meio das quais o homem pensa, mede, representa e organiza aquilo que vê. →

→ Uma maçã, por exemplo, não é perfeitamente esférica, assim como uma pera não é exatamente cônica; mas as figuras geométricas da esfera e do cone podem ser usadas para representar – ou, antes, para compreender – tais frutas, como em certas pinturas de Cézanne.

Pois algo muito parecido acontece com o modo como nos relacionamos com o que está a nossa volta. Que outras formas você vê no mundo?

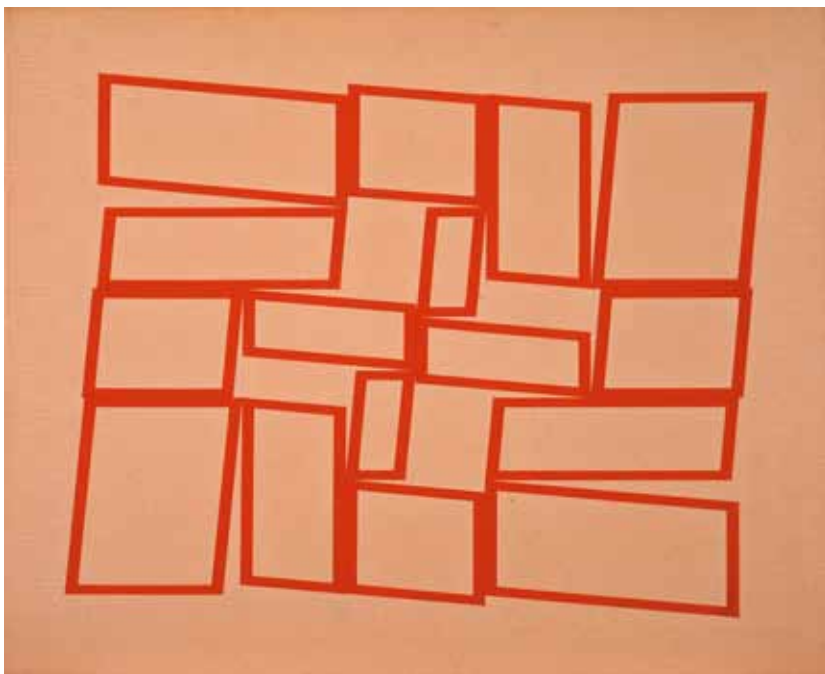
Muitas esculturas de Amilcar de Castro (1920-2002) partem de chapas de aço ou de ferro recortadas em forma de círculos, quadrados ou retângulos. Em vez de adicionar ou subtrair matéria desses elementos, o artista realiza apenas duas operações nesses planos geométricos para dar corpo a suas obras: o corte e a dobra. Precisão, força, ordem e resistência são algumas das qualidades envolvidas nessas composições. Trata-se de esculturas que têm origem no desenho, na forma plana, e que adquirem tridimensionalidade a partir de uma economia de operações. Quais as formas geradas pelas esculturas de Amilcar de Castro? É possível nomeá-las? ■

Amilcar de Castro, *Sem título*, 1990. Aço SAC, 120 x 64 cm.



De que forma a gente vê?

Hélio Oiticica, *Metaesquema I*, 1958. Guache sobre cartão, 52 x 64 cm.



O uso da geometria como forma de conhecer, interpretar e ordenar o mundo esteve na base de muitos movimentos ao longo da história da arte. É o caso do cubismo, vanguarda artística do início do século 20 que teve à frente artistas como **Pablo Picasso** (1881-1973) e Georges Braque (1882-1963). Influenciados por Cézanne, eles decompunham objetos e espaços a seu redor seguindo um critério estrutural e apresentando múltiplos ângulos de visão sobre a realidade.

Ainda no começo do século 20, o geometrismo foi retomado pelo **construtivismo** russo, com nomes como Vladímir Tátlin (1885-1953) e Naum Gabo (1890-1977). Essa vanguarda entendia a pintura e a escultura como construções e não representações. Para seus seguidores, a arte e suas formas deveriam estar a serviço da revolução, “fabricar coisas para a vida do povo, como antes fabricavam para o luxo dos ricos”, nas palavras de Argan. Assim, suas pesquisas deveriam ser incorporadas em objetos e espaços da vida cotidiana – mesas, cadeiras, xícaras, quartos, cozinhas – a fim de transformar a própria realidade.

Já no Brasil, figuras geométricas foram cruciais para movimentos como o **concretismo** e o **neoconcretismo**, ambos da década de 1950. Liderado por **Waldemar Cordeiro** (1925-1973), o concretismo defendia uma arte baseada na razão, pautada na ideia da “pura visualidade” e no caráter não representativo das obras, aspecto evidenciado em trabalhos como *Espaço convexo* (1954) e *Ideia visível* (1957). O neoconcretismo, por sua vez, reunia artistas como Lygia Clark (1920-1988) e Hélio Oiticica (1937-1980), em reação ao racionalismo exacerbado do concretismo, propondo maior liberdade de experimentação. →

Como o espaço nos forma?

→ Exemplo disso é a trajetória de Hélio Oiticica. O artista parte dos chamados Metaesquemas – série de guaches em que quadrados e retângulos parecem romper, de modo ritmado, a estrutura formal das composições nas quais se inserem – para, aos poucos, ganhar o espaço. Em trabalhos como as obras intituladas *Relevo espacial*, as formas geométricas que antes habitavam suas telas passam a compor planos monocromáticos suspensos no ar – por entre os quais é necessário caminhar para contemplar a obra. Mais tarde, formas semelhantes dariam corpo aos Parangolés. Propostos a partir de 1964, eram compostos por capas coloridas cuja “projeção no espaço” se dava justamente pelo uso. Espécies de bandeiras, tendas, estandartes eram feitos para serem usados/experimentados pelo espectador que se torna, então, participante.

Já os Penetráveis, criados a partir de 1960, também traduziam uma vontade de desintegração da pintura no espaço. Tais obras consistiam de ambientes nos quais o espectador/participante era convidado a entrar de modo a experimentar o trabalho no tempo e no espaço. Neles, a contemplação dava lugar à ação/participação. Nas palavras de Hélio Oiticica, os Penetráveis conformavam o “lugar de um percurso onde não só o lado visual importava, mas também o tátil, corporal”. Mais que aos sentidos, essas obras dirigiam-se à proposição de vivências subjetivas da cor e do espaço, do som e do ambiente, uma investigação de como o espaço pode conformar nossa experiência. ■

Você conhece o Pavilhão da Bienal? Se conhece, pense nesse edifício de proporções monumentais situado no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Se não conhece, deixe-se levar pelas imagens descritas: um imenso prédio projetado por Oscar Niemeyer (1907-2012) em formato retangular, mesclando vidro e concreto. Seus quebra-luzes nas janelas desenham entradas de luz ritmadas em um edifício que parece crescer conforme a gente se aproxima. Visualize as várias paredes de vidro no decorrer da construção e escolha uma das entradas do prédio. Você vai encontrar três pavimentos longos e retangulares. O primeiro deles é o térreo, cortado pelo mezanino. Em uma das extremidades, há uma rampa de formas curvas e orgânicas que integra os três andares. A todo momento, um diálogo parece tomar conta do lugar: uma espécie de conversa entre as linhas retas que o conformam e as linhas sinuosas que marcam seu interior. Curvas no guarda-corpo nos provocam a seguir um caminho em ondas que oferecem continuidade a nossos olhos, amenizando as linhas retas da estrutura do prédio, em um jogo que embala a caminhada. Formas que imaginamos parecem se concretizar na estrutura do pavilhão.

Assim como todos os projetos de Oscar Niemeyer, esse pavilhão é um desenho que inaugura formas únicas, marcas do arquiteto. A cada exposição, no entanto, o espaço se comporta de forma diferente. Como você se comporta dentro dele?

Toda mostra é atrelada a um projeto expográfico, elaborado por uma equipe de arquitetos junto à curadoria, para pensar os caminhos e espaços que a mostra pode oferecer, privilegiando as obras e a experiência que o público pode ter com elas. Assim, o pensamento formal passa da interpretação do mundo à consolidação e ocupação de um espaço real.

Pense em exposições que tenha visitado. Como a disposição do espaço e das obras marcou sua visita? →

Como o espaço
nos conforma?

→ Como vimos, o Pavilhão da Bienal contém muitas possibilidades, mas como seria andar por ele enquanto está vazio? Feche os olhos e imagine-se explorando cada andar do prédio, aproximando-se dos painéis de vidro, que permitem ao mundo exterior invadi-lo. Imagine-se andando pelo centro do pavimento, olhando para cima ou para o fundo, na outra extremidade.

O que acontece com seu corpo? Como você se sente? A experiência espacial é central para as obras de arte presentes em uma exposição, que tanto ativam o espaço quanto ganham novos significados dependendo do lugar onde estão. Algumas obras são ambientes, como as instalações – expressão artística desenvolvida sobretudo a partir da segunda metade do século 20 –, que envolvem a criação de um espaço onde o público é convidado a entrar para experimentar o trabalho.

É o que acontece em *Bolha amarela* (1967-1968), de Marcello Nitsche: um convite para explorar um inflável colorido de proporções monumentais, espécie de forma informe que domina o espaço e se transforma à medida que a tocamos ou caminhamos sobre ela. Como um organismo vivo, a obra alterna momentos de contração e expansão, como a respiração que toma conta de todo o corpo. À medida que se amplia, pressiona o espectador contra as paredes. Nesses momentos, a aparência lúdica cede lugar a algo monstruoso ou ameaçador, em uma experiência que nos obriga a rever nossa relação com o lugar onde estamos e com as outras pessoas e objetos que o habitam. ■

Qual é a memória
da forma?

Pavilhão da Bienal, vista do segunda andar.





ATLAS Observe o mundo a sua volta. Como você classificaria os objetos que vê? Por seu uso, cor, forma, tamanho, natureza? A intenção aqui é que toda a turma crie categorias de classificação. Cada grupo então escolherá alguma delas e sairá em busca de objetos que a justifiquem. Desenhem ou fotografem esses objetos. As imagens, expostas por categoria, criarão um mapa. Relacionem as semelhanças e diferenças na classificação. Como essas imagens se relacionam?

DEFORMA/FORMA Algumas imagens são construídas pelo acaso, sem formas definidas ou reconhecíveis. Será que essas imagens se mostram da mesma forma para todo mundo? Que tal experimentar? Para isso, pegue uma folha de papel, dobre-a ao meio e abra. A folha terá uma linha divisória. Com fita guache, pinte apenas um dos lados. Dobre novamente o papel e veja o que ocorre. Você vê alguma imagem? Converse com seus colegas e discuta o que veem.

O DESENHO DO VAZIO Pense em uma página de livro ou revista. Você já reparou nas áreas em branco que contornam os textos, que separam as linhas e mesmo as letras? Com um livro ou revista em mãos, escolha uma ou duas páginas e preencha as áreas sem impressão. Você pode fazer colagem, pintura, desenho: o que importa é preencher os espaços vazios.

CONQUISTA DE TERRITÓRIO Você sabe quantos tipos de mapas existem? Na biblioteca da sua escola ou cidade deve haver um atlas em que possa ver alguns deles. Há mapas políticos, hidrográficos, econômicos, rodoviários, topológicos, entre muitos outros! Observe um mapa político, suas diferentes demarcações e divisões. Como se dá a divisão entre cidades? Como os rios são representados? Normalmente, a divisão entre cidades, estados e países coincide com o curso de um rio, montanhas e antigas rotas. Usando um papel vegetal ou qualquer material transparente sobre o mapa, escolha um estado ou país e desenhie apenas seu contorno. Recorte. Com seus colegas, juntem as formas, encaixando-as, e criem um novo continente.

ALMAS GÊMEAS A chave e a fechadura, o pires e a xícara, sem esquecer a tampa e o peneira: essas são coisas que se completam com outras. Em duplas, pensem em outras formas complementares. Inventem novas, criando um mundo diferente de objetos que dependem de outros para funcionar. Juntem todas as formas criadas pelo grupo e embarralhem-as. Agora, é hora de achar onde cada uma encaixa perfeitamente... a tampa da panela, o pires da xícara, enfim, o encaixe perfeito: é só dar um nome a ele!

onde
começa
uma
forma?